
RESENHA

SEMIÁRIDO NORDESTINO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO DAS QUESTÕES E A QUESTÃO DO DISCURSO

Obra resenhada:

PANELAS, Oliveira de; SILVA, José de Souza. **Outra visão, outro sertão**. Campina Grande: Insa, 2011. 39 p.

Elisa Guedes Duarte¹

Os desafios que se impõem ao estudo de um documento como esse encontram-se na própria natureza multidimensional dele. Trata-se de um texto poético, com todas as características de sonoridade, lirismo e fantasia típicos da literatura de cordel, muito cara aos nordestinos e querida por brasileiros de outras regiões. Tem, como fio condutor da narrativa, a missão e a metodologia do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), um órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) implantado em Campina Grande, Paraíba, como parte de uma política pública do governo federal para promover o desenvolvimento sustentável da região do Semiárido. Assim, ao assumir os referidos desafios, foi necessário assumir também a necessidade de estudar a estrutura poética do cordel e a complexa questão física, social, econômica e cultural da região contemplada, bem como as antigas e as atuais tendências das políticas públicas para o desenvolvimento territorial. Dessa forma, esta resenha circula por saberes tão diversos, que se torna tarefa quase impossível classificá-la, a não ser informando que pode interessar a quem queira conhecer a criatividade que, obrigatoriamente, envolve o diálogo entre os saberes popular e científico, como diz o próprio presidente do Insa no prólogo de “Outra visão, outro sertão”.

Pode parecer inusitado que um cordel seja resenhado rumo a um periódico científico de temática não estritamente literária. Mas é não menos inusitado que o popularesco cordel seja adotado para um encontro de saberes que explora a temática cultural-filosófica, socioeconômica e técnico-científica. Disso tudo nasce a pertinência, relacionada com os estudos em Ciência, Tecnologia e

¹ Licenciada em Letras, Mestre em Educação (Políticas Públicas e Gestão) pela Universidade Federal de Uberlândia, professora do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam). egduarte@terra.com.br

Sociedade (CTS), que vêm defender justamente a importância da ética, da filosofia e dos estudos sociais no acompanhamento da reflexão acerca das descobertas científicas e tecnológicas e seu papel para o bem-estar social. São conhecimentos indissociáveis na formação e atuação de pesquisadores, mobilizadores sociais, professores, agentes públicos e operadores de processos de inovação em políticas públicas, entre outros (LINSINGEN, 2010; OLIVEIRA; MOREIRA, 2009).

Quanto aos dois autores, o folheto informa que passaram quatro dias e três noites em Boqueirão, Paraíba, para criarem o cordel e denominam o processo de diálogo entre os “saberes popular e científico”. Assim, sugere que a origem e o processo de escolarização dos dois autores são tão díspares quanto seu papel social. Na verdade, o doutor e o poeta formam parceria interessante: um, pesquisador da Embrapa e outro, cordelista pernambucano, nascido na própria classe cuja voz diz representar, se associam para compor uma polifonia que pretende popularizar saberes produzidos em ambiente de pesquisa. Tendo o termo “parceria” várias concepções, de acordo com a intenção com que é empregado, vale ressaltar aquela construída pelo próprio Silva, em associação com Sousa: “A parceria é uma ação entre iguais. A igualdade referida não se liga ao tamanho da organização ou a sua posição financeira. É uma igualdade associada à convergência de interesses e ao respeito mútuo.” (SOUSA; SILVA, 1993, p. 13).

Quanto a essa convergência de interesses em meio ao respeito mútuo, Freire (1983, p. 30) chama a atenção para o papel do intelectual, em relação aos interlocutores menos letrados: “[...] enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas de primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra”. Nesse contexto, ao ler uma obra que resultou da parceria entre representantes de dois mundos historicamente distantes entre si, o do acadêmico e o do autodidata, o leitor atento de Freire busca inferir os termos em que se deu o encontro, iniciando, então, o estudo do perfil dos dois parceiros.

Oliveira de Panelas, em seu blog (PANELAS, 2007), informa que seu nome é Oliveira Francisco de Melo e que nasceu em Panelas, Pernambuco. Classifica-se como poeta, escritor e cantador, profissional do repente e agente de valorização do cordel como símbolo de resistência e arte, além de divulgador da modalidade nordestina pelo Brasil e outros países. Um livro de sua autoria informa que nunca terminou seus estudos primários, tendo construído sua formação nas “feiras e

estradas” de Pernambuco. Foi pedreiro em São Paulo e tornou-se popular no estado de Pernambuco, pela sua cantoria e por ter sido locutor de rádio por oito anos. Sua erudição é atribuída ao autodidatismo, e sua voz é adjetivada como forte e bela, valendo-lhe a alcunha de “Pavarotti dos sertões” (PANELAS, 2001). Escreveu, entre outras obras da cultura popular nordestina, cordéis sobre a história de uma escola confessional de educação básica, e o Estatuto da Criança e do Adolescente, temas que indicam uma ligação com questões educacionais. O Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba publicou uma cartilha com quinze temas sobre os direitos do trabalhador, cantados por Panelas em cordel e repente, justamente para divulgar esses direitos para a população (PANELAS, 2011).

José de Souza Silva é paraibano de Areias, lugar onde cursou Agronomia (FLORES; SILVA, 1994). Atualmente trabalha como pesquisador da Embrapa Algodão, em Campina Grande, Paraíba. Em seu Currículo Lattes, conta que tem Ph.D. em Sociologia, além de ser “[...] filósofo do desenvolvimento, sociólogo da tecnociência e estrategista da inovação institucional [...]” e que atua em áreas ligadas ao desenvolvimento institucional. Tendo nascido em um município pobre e tendo sido agente de extensão rural antes de atuar na pesquisa agropecuária pela área de difusão de tecnologia, em parte fica compreendida a proximidade ideológica e cultural que Souza tem com Panelas. Nesse caso, ambos os autores parecem ter circulado por várias áreas do saber durante sua trajetória de vida, tendo interesses culturais múltiplos e, mediante os resultados que esta investigação revela, compatíveis, embora, como já dito neste trabalho, um pertença ao mundo acadêmico e o outro, à cultura oralizada.

No tocante ao gênero textual ora analisado, a literatura de cordel não tem uma classificação simples, devido a sua forma de circulação, a sua temática variada e, principalmente, à natureza mista entre discurso cantado e registro escrito, com traços de oralidade, de narrativa, de lirismo, de texto de informação, de opinião, de instrução. Nesse emaranhado de dimensões e características, o cordel, na verdade, obedece a uma estrutura poética complexa de métrica, rima, tonicidade, motes, temas, ritmos, toadas, além do acompanhamento de ilustrações que também compõem a narrativa e o cenário onde ela se passa. Uma rápida passagem por uma feira nordestina, seja no próprio Nordeste brasileiro, seja em outras regiões onde há migrantes nordestinos, permite ver bancas de literatura de cordel, cuja temática variada contempla: histórias fantásticas, romances, aventuras, histórias de amor, humor, ficção, notícias variadas, crítica social e política, temas religiosos

e/ou sobrenaturais, temas do cotidiano. Na maior parte das vezes, há um humor, sarcasmo ou ironia na forma como são tratados os múltiplos temas contemplados nesses folhetos.

Tal temática é estruturada por meio de uma sintaxe simples, em que predominam as frases curtas, em ordem direta, com um léxico mais próximo da oralidade. A linguagem musical privilegia os recursos sonoros, o tom peremptório, a própria toada e o humor, os quais contribuem para que os textos sejam altamente persuasivos. Essa relação com a oralidade explica o sucesso do cordel: “E o povo nordestino acostumou a ler o verso. Então o livro em prosa mesmo, ele não gosta e nem gosta do jornal, a notícia do jornal. [...] Ele não entende. [...] Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado. [...]” (ALMEIDA, 1979, citado por ABREU, 2004). Esse rico universo tem chamado a atenção de instituições de toda ordem que tenham intenção de divulgar ideias e, por esse motivo, aparecem à venda folhetos com títulos tais como *ABC para o Morhan* (com apoio de The Leprosy Relief Association), destinado a informar sobre hanseníase (BATISTA, 2007) e *ABC das doenças curáveis com mudança de atitude*, destinado a divulgar ideias de Louise Hay, registradas no livro *Você pode curar a sua vida* (FREITAS, 2010).

Talvez sejam todos esses fatores de sucesso os motivos pelos quais o Insa escolheu a obra aqui analisada para divulgar sua criação e seus objetivos entre a população atendida. Todavia, essa posse de determinado discurso muitas vezes prejudica a originalidade do texto resultante, tornando-o artificial, na medida em que a característica intrínseca da linguagem é sua ligação simbiótica com o contexto cultural dos locutores. Nessa linha de pensamento, Abreu (2004) comenta que, ao reescrever uma notícia em forma de cordel, o cordelista acaba por interpretá-la segundo os valores compartilhados com o público, impregnando-a assim da cultura popular nordestina. Dessa forma, o cordel tem aroma e sabor de rua ou sertão nordestinos e o som da arte que tanto toca a população regional. Pelos aspectos mencionados, pela forma de inserção do cordel no mundo literário, no mundo político, nas questões do cotidiano e da sobrevivência, pelo caráter informativo em relação a notícias do sertão e do mundo, pode-se compreender que o cordelista, enquanto tal, é um educador, usando como estratégia pedagógica a linguagem mais cara ao leitor, e praticando o que a pedagogia contemporânea tem chamado de aprendizagens significativas.

Com referência à estrutura, o poema “Outra visão, outro sertão”, escrito em versos decassílabos, tem quatro partes.

A **primeira parte**, intitulada “Primeiros passos”, tem vinte estrofes de seis versos, todos com dez sílabas, estrutura que, na linguagem poética do cordel, caracteriza um *galope*, também chamado de *martelo de seis pés*. Suas rimas, consoantes, acontecem sempre entre o segundo, o quarto e o sexto versos. Anuncia o nascimento de um instituto diferente, o Insa, destinado a pesquisar, difundir, articular e fomentar a inclusão, segundo vocábulos do próprio texto. Quanto à definição do instituto, os autores acreditam que ele, não tendo trilhado caminhos já traçados anteriormente, não é um seguidor, mas constrói seu próprio percurso e propõe criar uma nova “institucionalidade”, com humildade e parceria para mudar a região do Semiárido. Tal parceria fez uma rede que objetiva uma nova educação, usando o contexto como referência, unindo os saberes científico e popular. Esses saberes unidos devem monitorar o desempenho da região, para melhorar as condições de vida e produção do povo, com modos de vida sustentáveis. Os termos recorrentes nessa parte do texto são aqueles ligados à necessidade de potencializar as características locais e ao caráter inovador do Instituto. Essa parte do texto denuncia as políticas desarticuladas e a falta de conexão das universidades com os problemas locais, e anuncia rejeitar modelos globais.

O Instituto Nacional do Semiárido (Insa) é uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), criado em 2004, com a missão, segundo o portal eletrônico do MCT, de “[...] viabilizar soluções interinstitucionais para desafios de articulação, pesquisa, formação, difusão e políticas para o desenvolvimento sustentável do semiárido brasileiro, a partir de uma filosofia que assume a semiaridez como vantagem” (BRASIL, 2011a). Dessa forma, percebe-se que os dois autores do cordel foram buscar na própria declaração do Ministério a inspiração para a construção de seu texto. As palavras de seu presidente, no site do Insa, referem-se a uma quebra de paradigma no tocante à proposta do Instituto de estudar a vocação regional e suas potencialidades para a execução de seus objetivos (COSTA, 2011). Nesse contexto, também o *modus operandi* anunciado no site foi contemplado na publicação em estudo, especialmente quando a obra e o texto do presidente se referem à “utilização de métodos modernos” e ao “diálogo efetivo e profícuo” para o desenvolvimento do Semiárido com sustentabilidade. Percebe-se, em ambos os textos, o mesmo entusiasmo típico dos mobilizadores sociais ao

se referirem ao trabalho que o Insa pretende executar com a população do Semiárido nordestino, embora no texto do presidente, haja um tom menos eloquente, como sói acontecer em um texto oficial.

Na **segunda parte** do cordel, “Semiárido dado, mas não desejado”, a estrutura poética inicia-se com três estrofes de número variado de versos, mas sempre com dez sílabas, até estabelecer e manter uniformidade, nas outras quinze estrofes, por meio do *galope* já descrito. Fala de certa visão de semiárido, criada e divulgada pelo que chama de “educação oficial”, visão esta que adjetiva como “descontextualizada”, “cínica”, “enganadora”. Avança ainda afirmando que foi construída para inspirar políticas assistencialistas e justificar a “indústria da seca”, com ações imperiais, mostrando o sertão como um “inferno”, imputando à água a fonte dos dramas sociais. É interessante observar que essa denúncia, por exemplo, é compartilhada por Ribeiro (1999), em estudo que afirma:

Nestes trabalhos, além da ligação forte entre a sociedade e a natureza, na maior parte deles, a natureza é trabalhada discursivamente como a causa principal do atraso regional. A seca, bem como a escassez de água no sertão, são apontadas, na maioria dos discursos, como as grandes responsáveis pela miséria que atinge a região. (RIBEIRO, 1999, p. 61).

O mesmo autor responde com um contra-argumento: “Uma simples comparação com outras regiões semiáridas do globo revelam (*sic*) o falseamento dessa questão. O clima árido da Califórnia ou de Israel não lançou suas populações em um estado de miséria” (RIBEIRO, 1999, p. 61).

Após a introdução, a segunda parte do cordel inicia um canto que pretende mostrar como a visão criadora de um “grande aleijo”, permeada por uma “lente cultural”, implantou o mito do sertão inviável, escondendo seu “lado essencial” e prejudicando a implantação de fórmulas apropriadas ao desenvolvimento das potencialidades. Também para buscar outra imagem para a região em pauta, o próprio portal eletrônico do Insa tem o cuidado de preferir usar a expressão “onde ocorrem”, em vez de apontar a seca como principal característica:

O Semiárido brasileiro, cenário geográfico onde ocorrem as secas, (grifo nosso) também chamado não tecnicamente de “Sertão”, abrange os seguintes Estados do Brasil: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, além do Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais, e parte da região Norte do Espírito Santo (INSA, 2011)

Outra visão tem a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) – órgão do mesmo Governo da União, vinculado ao Ministério da Integração Nacional –, quando define o Semiárido: “O Semiárido nordestino, tem como traço principal as frequentes secas que tanto podem ser caracterizadas pela ausência, escassez, alta variabilidade espacial e temporal das chuvas. Não é rara a sucessão de anos seguidos de seca” (grifo nosso) (SUDENE, 2011). Assim, distintas visões são reveladas por diferentes setores do mesmo governo.

Em “Semiárido sonhado, a ser construído”, **terceira parte do cordel**, há vinte estrofes com a mesma estrutura poética que a das partes anteriores, isto é, o galope de seis versos com dez sílabas. Em tom otimista, os autores acreditam que “Cai a máscara, do antigo Semiárido / foi, a farsa, desfeita.” E fazem um convite: “Vamos, nós, escrever a muitas mãos / Outra página da história nordestina.” Avisam que o Plano Diretor do Insa é um novo “Contrato Social”. Em versos em que predominam o adjetivo “novo” e outros vocábulos do mesmo campo semântico, Pannels e Souza vão ligando-os a “consciência”, “trajetória”, “atitude”, “filosofia”. Dessa forma, propõem um “compromisso” para que a população excluída tenha uma “cidadania empoderada”, adotando o que chamam de sete “ingredientes”: “uma nova consciência”, “um grande compromisso”, “o imaginário [...] indicando um seguro itinerário”, “transformar a educação”, “interações inovadoras”, “outra visão” e transformar pessoas em vez de “mudar ‘coisas’”. Nas estrofes de número onze e doze, os autores declaram adotar a pedagogia da pergunta, lembrando a defesa de uma prática democrática e libertadora, proposta por Paulo Freire, que, aliás, também nasceu na região, e anunciam: “Uma educação transformadora / Paulo Freire, essa herança, nos legou”. O mais citado pedagogo brasileiro de todos os tempos, ao se dirigir ao que classifica como “educador crítico”, orienta-o para que, na “[...] nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas.” (FREIRE, 1983, p. 30).

O reconhecimento de que essas massas populares têm saberes importantes parece ser uma tendência, se não predominante, pelo menos considerável em quadros da Embrapa, pois outros dois pesquisadores afirmaram, também sobre o Semiárido nordestino:

Todo esse contexto que envolve a agricultura familiar regional e seu ecossistema pode ser revertido e potencializado por meio de técnicas racionais de cultivo, de criação e de extrativismo desenvolvidas ou em desenvolvimento pelo Sistema Embrapa [...], com o apoio do conhecimento pela vivência das populações locais. (SILVA; GUIMARÃES FILHO, 2006, p. 116. Grifo nosso).

Finalmente, **na quarta parte do cordel**, intitulada “Fui, voando, ao futuro e retornei. O que vi, pra vocês, eu vou contar”, os autores adotam estrofes de dez versos, com as mesmas dez sílabas, que a linguagem poética chama de *décimas*. Por meio do personagem, o Insa, fantasiam uma viagem de sonho, ao futuro, para imaginar resultados do trabalho. O viajante vê uma nova configuração da imagem do Semiárido, com base em suas potencialidades, tais como os minerais, as energias renováveis, “as terras boas e campos fecundantes”, citando ainda alguns produtos alimentícios típicos da região. A seguir, Pannels e Souza iniciam uma estrutura em que, a cada duas estrofes, é proposto um mote que estabelece a temática das descrições do referido personagem. Os motes são repetidos ao final das estrofes, em seus dois últimos versos. São eles: “Não é um, nem são dois, tem mais de mil / semiáridos na nossa região”; “A Caatinga é tal qual camaleão / Muda a cor, mas a vida continua”; “Um diálogo frutífero, eu escutei / Dos saberes, científico e popular”; “As políticas públicas são gestadas / Na dinâmica de um fórum social”; “O sertão é agora uma só rede / Trabalhada e tecida a muitas mãos”; “Achei comunidades mais felizes / Com seus modos de vida sustentáveis”. Todos eles são otimistas e ufanistas, sem ressalvas. O personagem então avança em suas descrições, defendendo que a água não é a vilã das mazelas da região e cantando as belezas da Caatinga. Refere-se ao vaqueiro que volta com seu rebanho “pé-duro” e, por meio da figura de um evento que reúne doutores e populares, consolida a ideia do diálogo freireano. Nesse mesmo contexto de gestão coletiva, avista um Fórum permanente gerando políticas públicas, mas tudo com trabalho em rede e muita ética, em que “o ser, sobre o ter, é preferido”.

Os autores concluem seu poema, ainda por meio da figura do personagem, que adjetiva o mobilizador social, de forma a atribuir-lhe características, ao mesmo tempo, de racionalidade e de emoção: “É emoção, é paixão, é compromisso”. Com tais temperos, crê que o sertão é uma “Terra vasta, feliz, fecunda e bela / Natureza opulenta e dadivosa”.

A leitura do cordel resenhado deve atentar também à xilogravura que compõe o folheto, como parte integrante da narrativa. Essa linguagem não verbal traz o

carro de bois, a casinha típica das construções rurais, o cacto e, na capa, figuras que expressam as duas visões contraditórias de sertão descritas na história: a primeira, do casal de imigrantes com semblante triste, a pé, tendo ao fundo a paisagem devastada; a segunda mostra um trio de pessoas sentadas em torno de uma mesa, com fisionomia feliz, com o sol brilhando ao fundo.

Quanto aos possíveis leitores da obra, uma ressalva: se o cordel tem um objetivo pedagógico de explicar a missão do Insa à população atendida, alguns termos ali empregados não atendem à posição freireana de falar “com” as massas. São expressões que podem dificultar o entendimento, objetivo precípua de um cordel. Alguns exemplos: “institucionalidade”, “na dinâmica de um fórum social”, “na inércia de sua letargia”. Se, para entender o cordel, o cidadão tiver que buscar explicações, então o texto perde sua razão de ser. Entretanto, isso não inviabiliza a efetividade, mas apenas aponta para o fato de que, realmente, o diálogo do intelectual com as massas, no Brasil, é processo ainda em construção. Em relação à forma de divulgação, parece que, mais uma vez, a comunicação com os públicos populares fica prejudicada, pois a mensagem só foi divulgada sob a forma de folheto de cordel, no código escrito. A forma de vídeo com áudio poderia alcançar muito mais pessoas, quer dominem a leitura, quer não.

Quanto à proposta do Insa, expressa no cordel ora resenhado, é importante atentar para a ressalva do próprio presidente, de que ele poderá avançar desde que tenha o apoio do MCT. Seria preciso contar com a mudança de paradigma do setor, para contrariar o movimento das políticas públicas no país, que correm no sentido da descontinuidade. Todavia, esse comentário é apenas uma advertência, pois o pessoal envolvido com o projeto merece nossa confiança e as melhores expectativas.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Então se forma a história bonita**: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, jul./dez. 2004.

BATISTA, P. N. **ABC para o Morhan**. Mossoró: Queima-Bucha, 2007.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Instituto Nacional do Semi-Árido. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/63713.html>>. Acesso em: 31 out. 2011a.

COSTA, R. G. **Histórico**. Insa. Disponível em: <<http://www.insa.gov.br>>. Acesso em: 6 out. 2011.

FLORES, M.; SILVA, J. de S. **O futuro sem fome**. Brasília, DF: Embrapa-SPI, 1994. 103 p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983. 96 p.

FREITAS, J. **ABC das doenças curáveis com mudança de atitude**. Salvador: Tapera, 2010.

INSA. Instituto Nacional do Semiárido. **O semiárido**. Disponível em: <<http://www.insa.gov.br>>. Acesso em: 31 out. 2011.

LINSINGEN, I. von. **O enfoque CTS e a educação tecnológica**: origens, razões e convergências curriculares. Florianópolis: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <www.nepet.ufsc.br/Artigos/Texto/CTS%20e%20EducTec.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2011.

OLIVEIRA, E. A. de; MOREIRA, H. **Estudos de ciência, tecnologia e sociedade na formação docente**. 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/22277061/OS-ESTUDOS-DE-CIENCIA-TECNOLOGIA-E-SOCIEDADE-NA-FORMACAO-DO-DOCENTE>>. Acesso em: 31 out. 2011.

PANELAS, O. de. **Cordel do Trabalho**. João Pessoa, PB: Tribunal Regional do Trabalho, [2010]. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/CordelDoTrabalho-Trtpb-OliveiraDePanelas-Amatra13>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

PANELAS, O. de. **Cordel**. São Paulo: Hedra, 2001. 162 p. Introdução e seleção de Maurice Van Woensel.

PANELAS, O. de. **Oliveira de panelas**: poeta repentista. João Pessoa, 2007. Disponível em: <<http://oliveiradepanelas.blogspot.com>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

RIBEIRO, R. W. Seca e determinismo: a gênese do discurso do semi-árido nordestino. **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, v. 22, 1999. Disponível em: <http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf>. Acesso em: 31 out. 2011.

SILVA, P. C. G. da; GUIMARÃES FILHO, C. Eixo tecnológico da ecorregião nordeste. In: SOUZA, I. S. F. de (Ed.). **Agricultura familiar na dinâmica da pesquisa agropecuária**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. cap. 2, p. 109-161.

SOUSA, I. S. F.; SILVA, J. de S. **Parceria**: base conceitual para reorientar as relações interinstitucionais da Embrapa. 3. ed. Brasília, DF: Embrapa-SEA, 1993. 27 p. il. (Embrapa - SEA. Documentos, 9).

SUDENE. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Semiárido**. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/site/extra.php?cod=130&idioma=ptbr>>. Acesso em: 31 out. 2011.

Trabalho recebido em 16 de dezembro de 2011 e aceito em 26 de dezembro de 2011.